

“SÓ ME DOU CONTA DA GRAVIDADE DOS FATOS AO ESCREVER UM POEMA”: MAPAS DA MATERNIDADE EM *AZUL BEBÊ*, DE MARIANA CASER

“SÓ ME DOU CONTA DA GRAVIDADE DOS FATOS AO ESCREVER UM POEMA”: MATERNITY MAPS IN *AZUL BEBÊ*, BY MARIANA CASER

Renan Henrique Messias de Paulo¹

Resumo: Publicado em 2025, pelo selo editorial Hecatombe, da editora Urutau, esta resenha de *Azul-bebê*, de Mariana Caser, apresenta uma análise crítica da obra que articula prosa e poesia para refletir sobre a maternidade em suas dimensões íntimas e coletivas. A autora constrói uma linguagem que transforma o cotidiano materno marcado por exaustão, medo e contradições em matéria poética, configurando a escrita como espaço de reelaboração da experiência. A partir de diálogos com Maria Isabel Barreno (2001) e Susan Sontag (2005), tem-se que a maternidade, em Caser, se desenha como um mapa subjetivo, capaz de transpor a experiência individual para uma dimensão compartilhada. Nesse sentido, a obra é apresentada como testemunho poético que revela a maternidade como experiência de sombra e luz, além de uma invenção radical de linguagem e gesto de resistência.

Palavras-chave: *Azul-bebê*. Literatura Brasileira. Maternidade. Poesia. Prosa.

Abstract: Published in 2025 by the Hecatombe imprint of Urutau Publishing, this review of *Azul-bebê*, by Mariana Caser, offers a critical analysis of the work, which intertwines prose and poetry to reflect on motherhood in its intimate and collective dimensions. The author develops a language that transforms the maternal everyday, marked by exhaustion, fear, and contradictions, into poetic material, shaping writing as a space for reworking experience. Drawing on dialogues with Maria Isabel Barreno (2001) and Susan Sontag (2005), motherhood in Caser’s work emerges as a subjective map, capable of translating individual experience into a shared dimension. In this sense, the work is presented as a poetic testimony that reveals motherhood as an experience of shadow and light, as well as a radical invention of language and a gesture of resistance.

Keywords: *Azul-bebê*. Brazilian Literature. Maternity. Poetry. Prose.

Susan Sontag, em *Questão de ênfase*, afirma que “o poeta que é também um praticante exímio do ensaio crítico nada perde da sua posição de poeta” (Sontag, 2005, p. 17). A colocação

¹Doutorando em Estudos de Literatura pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) com período sanduíche pela Universidade Católica Portuguesa, Braga (UCP). É bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES. Renan.messias@estudante.ufscar.br / <https://orcid.org/0000-0002-6909-7328>

da autora se mostra especialmente pertinente ao lermos *Azul-bebê*, de Mariana Caser, pesquisadora de Literatura Portuguesa, doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense e artífice experiente do texto. Sua produção acadêmica, por si só, já comprova a qualidade da escrita: crítica, assertiva e inspiradora. Mas, com *Azul-bebê*, publicado pela Hecatombe, selo editorial da Urutau, revela-se outra faceta dessa pesquisadora exemplar: a literatura que ultrapassa a pena do crítico e se apresenta como obra parida sob a égide de uma grande escritora que se revela.

Azul-bebê, de Mariana Caser, traz em seu título já a promessa de delicadeza, mas não se deixa limitar a ela: entre prosa e poesia, a autora constrói uma escrita em que o íntimo da maternidade se abre em camadas de força, cansaço e invenção. A epígrafe de Adélia Prado dá o tom do percurso: o gesto poético é aqui a forma de conferir dignidade e transcendência ao cotidiano mais banal, mostrando que “a vida é mais tempo alegre do que triste”. Melhor é ser” (Prado, 1976, *apud* Caser, 2025, p. 11).

Ao escolher Adélia Prado para abrir o livro, Mariana Caser acerta ao pedir a bênção a uma das maiores vozes da literatura brasileira, além de se colocar em sintonia com aquilo que Adélia realiza em sua poética: o trabalho do sublime a partir do cotidiano, a gestação da vida pelos versos e o diálogo incessante com as dicotomias da existência e seus percalços. Em *Bagagem* (1976), livro de estreia, Adélia Prado também recorre à tradição para se inscrever na literatura com o célebre poema *Com licença poética*, em que tece, à sua maneira, um “poema de sete faces”, em alusão a Carlos Drummond de Andrade:

Quando nasci, um anjo esbelto
desses que tocam trombeta, anunciou:
vai carregar bandeira.
[...]
Vai ser coxo na vida é maldição pra homem.
Mulher é desdobrável. Eu sou. (Prado, 2008, p. 9)

Se Adélia afirma sua voz evocando Drummond, Mariana Caser, por sua vez, o faz ao escolher, como epígrafe, uma poeta mulher, estabelecendo um pacto poético e político. Nesse gesto, afirma sua inserção na tradição literária e firma também um compromisso de seguir e expandir a voz feminina na poesia, como se declara em seu próprio lançamento. Susan Sontag lembra que

Escrever é praticar, com uma intensidade e uma concentração singulares, a arte de ler. Escrevemos a fim de ler o que escrevemos, ver se está bem e depois, como nunca está, é claro, reescrever – uma vez, duas vezes, quantas vezes forem necessárias para que se torne algo que suportemos ler e reler (Sontag, 2005, p. 335).

Há nisso uma diferença fundamental entre escrita e maternidade: a primeira admite revisão, a segunda não. Ser mãe é viver em tempo real, sem a possibilidade de voltar atrás. Nesse sentido, a poética de Mariana Caser funciona como o lugar do depois; é um espaço de reelaboração daquilo que não pôde ser ensaiado. Em *Banho*, por exemplo, vemos o corpo materno imerso no fluxo da rotina, sem pausa, sem reescrita, mas ainda assim transfigurado em palavra:

Um banho e nada mais. Esse seria o meu desejo, se não houvesse a janta, a louça, a atenção a ser dada, o ente batendo à porta para saber se no meu refúgio estava tudo bem. Um banho é o que era para apenas ser. Mas é demora, refúgio, contato, delicioso silêncio que só permite os ecos poucos distantes de minhas obrigações. Isso aqui é tudo, menos um banho, porque deixo para me lavar nos últimos segundos dessa delonga de que, sem mais espaço para mim mesma, emergo quase suada, seca nas partes que deveriam estar encharcadas, porque – mãe – não cesso ser chamada (Caser, 2025, p. 21).

Se, como lembra a própria Sontag, a escrita se configura como um campo de liberdade, ela também se estabelece, no contexto da obra de Mariana Caser, como contraponto à experiência irreversível da maternidade. É no jogo entre uma vivência contínua, a maternidade, e o ato da escrita que emerge a possibilidade de criação de um espaço no qual a experiência de ser mãe pode ser relida, reconfigurada ou tecida à luz da constituição dessa nova identidade em devir. A poética de Câncer surge, então, como gesto de retomada de si diante de uma rotina que frequentemente dissolve os contornos do sujeito. Desse modo, a escrita abre espaço para uma forma de liberdade que se revela transformadora. Como afirma Sontag:

Escrever é, por fim, uma série de permissões que damos a nós mesmos para sermos expressivos de determinadas maneiras. Para inventar. Para saltar. Para voar. Para cair. Para encontrar nossa maneira própria e característica de narrar e de persistir: ou seja, de descobrir nossa própria liberdade interior (Sontag, 2005, p. 337).

Azul-bebê mostra a maternidade como invenção radical de linguagem. Em *Meu medo*, a experiência concreta da alergia alimentar da filha transforma-se em exorcismo literário: o medo é dito como metáfora e o poema em prosa faz do íntimo uma forma de resistência. A escrita materna é, assim, um ato de liberdade, mas uma liberdade que brota da clausura, do medo do efêmero, do excesso e da exaustão:

Há certas coisas de que só me dou conta no meio da corrida. Falo por mim, não generalizo.

Uma banana, certa vez, quase matou minha filha. Uma banana em sua concretude, não uma metáfora embananada, não uma casca de banana, mas o fruto proibido para nós, agora que o sabemos uma arma.

E depois vieram outras frutas e outras comidas. E uma escuridão que sempre se apressa em sair de sua gargantinha infantil. Mas minha filha é luz alegre e a quero sempre assim: exorcista dos males abusados.

Já expurgamos banana

mamão

amendoim

até ervilha.

Ontem exorcizamos castanha de caju.

Graças a Deus há o exorcismo desse demônio natural, e eu me pergunto o porquê de tudo isso ser divina criação. Não o duplo de Deus, o duplo em Deus.

Banana engorda e faz crescer. Ou mata. Depende.

E eu só me dou conta da gravidade dos fatos ao escrever um poema sem poesia (Caser, 2025, p. 23-24).

Maria Isabel Barreno em *Os territórios imaginários da escrita*, ajuda a pensar essa tensão quando afirma que

O que vemos e o que vivemos não é o real. É o nosso real, determinado pelo nosso campo subjetivo particular, determinado pelos dados básicos de nossa personalidade e por todo o condicionamento a que nos expôs a educação, a socialização, todas as circunstâncias da vida que vivemos na sociedade em que nos criamos (Barreno, 2001, p. 275)

Vivemos o nosso real, e este é um mapa subjetivo, desenhado por circunstâncias nas quais estamos inseridos socialmente. A maternidade, em Mariana Caser, é esse mapa: particular, mas imediatamente reconhecível por outras mulheres. Em *Dia das Mães de 2020*, o eu-lírico vê nos próprios gestos a repetição da mãe, como se a maternidade fosse também herança e espelho, lugar em que o íntimo se torna coletivo:

É cafona,
mas só depois que fui mãe duas vezes
e agora, que sou mãe em tempo integral,
sobretudo agora, com o medo acrescido ao meu nome,
é que passei a enxergar em meu rosto (em minha alma)
a minha mãe.

E também nos meus atos, nos trejeitos, no sorriso
e mesmo no aro dos meus óculos.

Sinto mesmo, agora que fui mãe duas vezes,
que a conta está errada.
porque sou pelo menos três ou talvez quatro,
porque há em mim traços dela,
muitos traços de uma Diva,
um emaranhado de nós que não posso
nem quero desatar [...] (Caser, 2025, p. 36)

Por isso, como observa Maria Isabel Barreno (2001), gostamos de um texto quando ele é metáfora de nosso mundo interno. *Azul-bebê* opera justamente assim: cada leitor encontra ali

um reflexo, mesmo que não viva a experiência da maternidade pois podemos reconhecer na experiência do outro e, de certa maneira, na subjetividade do outro, que ela pode ser lida num gesto de alteridade e compreensão.

Em *Um casazinho*, por exemplo, a autora ironiza as críticas de quem vê na filha apenas “uma cópia” da mãe. O que poderia ser uma constatação corriqueira torna-se reflexão sobre o gênero, as expectativas sociais e a pressão que recai sobre os corpos femininos. O íntimo, mais uma vez, se abre em política:

Onde cabe a crítica ferina? Dizem: “ela é a sua cópia” quando é exigente, quando tem medo, quando não aceita o óbvio, quando é uma criança “difícil”. Qual é o lugar da culpa?
 Vaticina-se na boca de vários chegados. O que não percebem é que “ela é sua cópia” sempre vem colado a uma característica que julgam negativa e que atrelam a mim.
 Onde cabe a fala do outro? Aqui? Não,
 não é negativo o ser da menina, não sou. Não cabe. Ou somos, vai saber.
 Neste mundo não cabe mais a docilidade feminina e, se é assim, sim: ela é a minha cópia: Esculpida em Carrara, onde se trabalha o mármore de mais alto valor, pois valiosa é a pedra e também a lida com ela (Caser, 2025, p. 35)

Ao fim, o livro de Mariana Caser nos lembra que ser mãe é viver em dobro, envelhecer em metade do tempo, carregar contradições que não se resolvem. Mas é também escrever para existir, transformar em linguagem aquilo que, na hora vivida, não teve tempo de se tornar palavra. *Azul-bebê* é, assim, um testemunho poético da maternidade como experiência de sombra e de luz, delicadeza e peso, gesto íntimo e ato coletivo.

Referências

- BARRENO, Maria Isabel. Os territórios imaginários da escrita. **Scripta**, Belo Horizonte, v.4, n.8, p. 275-286, 2001. Disponível em: <<https://periodicos.pucminas.br/scripta/article/download/10413/8506/37251>>. Acesso em: 01 de out de 2025.
- CASER, Mariana. **Azul-bebê**. Cotia: Hecatombe, 2025.
- PRADO, Adélia. **Bagagem**. 27ªed. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- SONTAG, Susan. **Questão de ênfase**: ensaios. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.